

A Biblioteca Pública como ambiente de aprendizagem: casos de makerspaces, learning commons e co-working

The Public Library as a learning
environment: makerspaces,
learning commons and co-working
cases

Manoela Ferraz Moyses

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3158-2360>
Doutoranda em Design, Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro, Centro de Teologia e
Ciências Humanas, Departamento de Artes & Design
manucaela24@gmail.com

Claudia Renata Mont'Alvão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1048-2993>
Doutora em Engenharia de Transportes, Docente da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Centro
de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Artes
& Design
cmontalvao@puc-rio.br

Marianna Zattar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3328-3591>
Doutora em Ciência da Informação, Docente da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro
de Ciências Jurídicas e Econômicas, Faculdade de
Administração e Ciências Contábeis, Departamento de
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
mzattar@facc.ufrj.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar a biblioteca pública diante das tendências interativas e colaborativas no processo de aprendizagem. Contextualiza a educação e a influência das tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino- aprendizagem. Aborda a importância do espaço físico no processo de aprendizagem. Trata a educação não formal e como os espaços não educacionais colaboram com a educação formal. Define a biblioteca pública e apresenta as suas missões relacionadas com informação, alfabetização, educação e cultura, proclamadas no Manifesto sobre a biblioteca pública, publicado pela International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) e pela UNESCO, em 1994. Aponta sobre espaços inovadores em bibliotecas, como os makerspaces, os learning commons e os espaços de coworking, que tornam a biblioteca mais ativa, colaborativa, criativa e inovadora, o que difere dos modelos tradicionais, que enfatizam o consumo de conhecimento. Foi estruturado a partir de uma pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. Conclui que as inovações no espaço as tornam mais acolhedoras e atrativas para a comunidade que servem, sendo não apenas vista não como ambiente de aprendizagem, mas também como centro de socialização e de convivência.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca pública. Ambiente de aprendizagem. Makerspaces. Learning commons. Espaço de co-working.

ABSTRACT: This article aims to present the public library in the face of interactive and collaborative trends in the learning process. It contextualizes education and the influence of information and communication technologies in the teaching-learning process. Discusses the importance of physical space in the learning process. It deals with non-formal education and how non- educational spaces collaborate with formal education. It defines the public library and presents its missions related to information, literacy, education and culture, proclaimed in the Public Library Manifesto published by International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) and the UNESCO in 1994. Points to innovative spaces in libraries such as makerspaces, learning commons, and coworking spaces, which make the library more active, collaborative, creative, and innovative, which differs from traditional models that emphasize knowledge consumption. It was structured from a bibliographic research, with a qualitative approach. It concludes that innovations in space make them more welcoming and attractive to the community they serve, being seen not only as a learning environment, but also as a center for socialization and coexistence.

KEYWORDS: Public Library. Learning environment. Makerspaces. Learning commons. Co-working space.

1 Introdução

As tecnologias de informação e comunicação (TIC), na atualidade, tornaram-se importantes insumos para o desenvolvimento social e científico, na medida em que agilizam processos, permitem a comunicação entre as pessoas e oferecem vantagens para o dia a dia. Desse modo, tem-se, ao longo de sua evolução, o atendimento aos diferentes serviços prestados à sociedade, dentre os quais está a educação.

A mediação tecnológica na educação permitiu inovar em diferentes dinâmicas e, especialmente, no processo de ensino-aprendizagem. No século XXI, o modelo pedagógico está inserido em um contexto comunicativo e interativo, tendo em vista que a internet, os dispositivos móveis e as redes sociais digitais facilitam esse modo de se relacionar. Com isso, as tecnologias tornaram as atividades de ensinar e de aprender mais dinâmicas, colaborativas e inclusivas.

Neste cenário, nota-se que, dentre as práticas pedagógicas aplicadas no contexto educacional, estão os trabalhos em grupo, as rodas de conversa, aulas invertidas, entre outras atividades que incentivam os alunos a se ajudarem mutuamente, compartilharem conhecimentos, se comunicarem intensamente, trabalharem em rede e formarem equipes. Dessa forma, eles podem aprender de forma cooperativa e colaborativa, o que contribui para o crescimento e desenvolvimento de todos.

Um elemento de destaque no aprendizado diz respeito à arquitetura e a organização física de uma instituição de ensino. O espaço físico impacta na forma como as pessoas nele convivem, também estimula e facilita o ensino e a aprendizagem. Na literatura acadêmica há autores que defendem que o espaço físico atua como um “terceiro professor”, tendo em vista que se o aluno percebe que o espaço é bem cuidado, que funciona bem, isso cria uma percepção positiva, daí ele tende a se dedicar mais às atividades que o espaço permite, tornando possível incluir nesta dinâmica o ensino e o aprendizado.

A educação ocorre por múltiplos canais e tem o acesso facilitado por diferentes organizações/instituições—além daquelas educacionais formais, tais como

escolas, universidades, institutos etc. – que colaboram para o processo de ensino-aprendizagem. Entre essas instituições estão as bibliotecas, espaços de destaque nesta pesquisa.

As bibliotecas são instituições que acompanham a sociedade em diferentes momentos de sua trajetória. E, ao longo desse percurso, elas se moldaram às necessidades sociais e educacionais que se implantaram nos diversos contextos e comunidades.

Para muitos, ainda são vistas, nos dias de hoje, como territórios do saber e como ‘templos’, que priorizam o silêncio e o estudo individualizado, o que se equipara com o formato de um ensino que priorizava tais características e que atende a um perfil de usuários da biblioteca.

No entanto, é necessário questionar se, diante desta realidade de ensino que vigora no século XXI, as bibliotecas estão alinhadas às tendências interativas, colaborativas e inclusivas no processo de aprendizagem, visto que os usuários que estão inseridos neste contexto dinâmico requerem espaços/ambientes físicos que estimulem a interação, a participação e o compartilhamento em grupo.

Para isso, indica-se as bibliotecas públicas como centros de educação locais com missões relacionadas à informação, alfabetização, educação e cultura de uma região. Assim, este artigo apresenta a biblioteca pública como ambiente de aprendizagem e exhibe casos de *makerspaces*, *learning commons* e espaços de *co-working* nessas instituições, no sentido de destacar o seu papel na sociedade.

2 Contextualização

As tecnologias de informação e comunicação (TIC), particularmente aquelas disponíveis na internet, criaram ambientes que tornam necessário realizar uma ampla revisão do papel dos serviços tradicionais de informação. As culturas das redes, da cooperação e da digitalização influenciaram as formas de adquirir, arquivar e disseminar a informação e o conhecimento.

Quanto ao impacto dessas tecnologias na educação, Santos (2015, p. 106) analisa que os alunos, no século XXI, aprendem por múltiplos canais e utilizam várias ferramentas que dinamizam o aprendizado. É uma geração que utiliza a tecnologia com instrumento para se comunicar e se relacionar, onde não só ouve, mas também fala, critica e constrói.

Assim, diante desses diversos canais de aprendizagem, Morin (2017) analisa que os processos de aprendizagem são:

Múltiplos, contínuos, híbridos, formais e informais [redes sociais, wikis, blogs], organizados e abertos [ambientes de compartilhamento e construção participativa], intencionais [escolar, formal] e não intencionais [experiências]. Hoje há inúmeros caminhos de aprendizagem pessoais e grupais que concorrem e interagem simultânea e profundamente com os formais [...] (MORIN, 2017, p. 23).

Em relação à aprendizagem, entende-se que mantê-la ativa aumenta a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e também se adaptar a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes (MORIN, 2017, p. 24).

Dentro das maneiras, técnicas e procedimentos usados na aprendizagem, destaca-se que é possível aprender: “por experimentação, por design [projeto], aprendizagem *maker*¹ e com apoio de tecnologias móveis” (MORIN, 2017, p. 24). Quanto aos meios citados, afirma-se que são “expressões atuais da aprendizagem ativa, personalizada, compartilhada” (MORIN, 2017, p. 24).

¹ Derivado do termo Cultura Maker, que surgiu nos EUA com o objetivo de proporcionar às pessoas uma aprendizagem mão na massa.

Quanto ao espaço físico voltado à aprendizagem, Santos (2015, p. 106) acredita que ele deve funcionar como um impulsionador e facilitador para o processo de ensino e aprendizagem, onde permita que o aluno utilize diferentes ferramentas para que busque o seu melhor caminho rumo ao completo aprendizado.

Elementos relacionados à qualidade de um ambiente físico, como: conforto ambiental, funcionalidade, estado de conservação e manutenção, podem impactar de maneira positiva ou negativa na interação social, no grau de concentração, conforto físico e satisfação dos usuários. Estes aspectos podem também interferir

diretamente na aprendizagem dos usuários de um ambiente de educação.

Kowaltowski (2011, 2018) analisa como um espaço, no caso o escolar, pode influenciar no aprendizado do aluno:

- Quanto à manutenção do espaço – considera se o aluno percebe que o prédio é bem cuidado e que funciona bem, isso representará um atrativo, criará uma percepção positiva e ele irá se dedicar muito mais à atividade que aquele prédio propõe, que é o ensino e o aprendizado;
- Quanto à segurança psicológica – refere-se à realidade do prédio ser confuso, mal cuidado, com muitas grades, o aluno vai se sentir inseguro;
- Identificação e pertencimento - a sensação de bem estar naquele lugar faz a diferença;
- Quanto ao conforto térmico e à iluminação – considera se está muito calor ou muito frio, se o estudante precisa segurar as folhas do caderno para não voarem ou se não enxerga por causa do sol, ele não consegue se dedicar e se concentrar no ensino e se não vai aprender tudo o que poderia.

Tem-se que a educação envolve um conjunto de processos educacionais com elementos variados que colaboram com a aprendizagem. Romans (2003, p. 144) analisa que o aprendizado vai além do ambiente escolar, sendo assim, a escola deixa de ser o único lugar de preparação para a vida ativa, porque a própria vida está se transformando em uma escola de aprendizagem. Da primeira, são imprescindíveis os fundamentos básicos, de onde se devem integrar as novas aprendizagens; da segunda recebemos experiências, informação e o estímulo para ir pondo em dia continuamente os conhecimentos e suas aplicações nos âmbitos tradicionalmente estabelecidos.

Trilla (2008, p. 48) afirma que certos meios educacionais não formais servem também para reforçar e colaborar na ação da educação formal. Recursos advindos de fora de instituições formais são frequentemente utilizados por elas no contexto de sua atividade, como, por exemplo, atividades promovidas em bibliotecas, museus e fundações culturais.

A importância dos espaços não formais de educação baseia-se no princípio de que a educação não formal caracteriza-se por ser o espaço de animação socio-cultural e seus domínios se converteram em autênticos laboratórios geradores de

inovação educativa e, de forma crescente, vão sendo transferidos para os espaços formais de educação (VENTURA, 2016, p. 84).

Neste artigo será dada ênfase nas atividades das bibliotecas, mais especificamente, das bibliotecas públicas, dada a relevância dessas instituições para a sociedade como ambiente de aprendizagem e centro de socialização.

3 A biblioteca pública

Uma biblioteca, na concepção de Cunha e Cavalcanti (2008, p. 48), consiste em uma:

Coleção organizada de registros da informação, assim como os serviços e respectivo pessoal, que têm a atribuição de fornecer e interpretar esses registros, a fim de atender às necessidades de informação, pesquisa, educação e recreação de seus usuários. Neste contexto, a palavra biblioteca abrange os objetivos e funções de outros tipos de serviços de informação, que seriam qualificados como centros de documentação, serviços de informação, unidades de informação, entre outros.

Tem semelhante valor cultural para a sociedade os museus e os arquivos. No entanto, as bibliotecas diferenciam-se destes pelo tipo de serviço que prestam e do material que constituem o seu acervo. Os museus reúnem peças e objetos de valor cultural, histórico e científico. Já os arquivos armazenam documentos criados por uma instituição ou pessoa, no curso de suas atividades, visando à utilização futura (CRUZ *et al.*, 2004, p. 11).

De acordo com as suas características e aos usuários a que serve, uma biblioteca pode ser classificada de diferentes tipos, os quais desempenham funções e realizam trabalhos específicos na comunidade.

No que se refere à biblioteca pública, é o tipo de biblioteca que está à disposição da coletividade de uma região, município ou estado, onde é financiada principalmente por recursos governamentais. Tem por finalidade “servir às massas, como um centro de educação para o povo” (CRUZ *et al.*, 2004, p. 11).

Em 1994, a *International Federation of Library Associations and Institutions*

(IFLA) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicaram o ‘Manifesto sobre a biblioteca pública’, o qual proclama esse tipo de biblioteca como “um centro de informação local, fornecendo todo tipo de conhecimento e informação disponível a seus usuários”² (IFLA; UNESCO, 1994, p. 1, tradução nossa).

2

“The public library is the local centre of information, making all kinds of knowledge and information readily available to its users” (UNESCO, 1994).

As seguintes missões relacionadas com informação, alfabetização, educação e cultura devem estar no centro dos serviços das bibliotecas públicas:

- 1) criar e fortalecer hábitos de leitura em crianças desde tenra idade;
- 2) apoiar a educação individual e autoconduzida, bem como a educação formal em todos os níveis;
- 3) proporcionar oportunidades para o desenvolvimento criativo pessoal;
- 4) estimular a imaginação e a criatividade de crianças e jovens;
- 5) promover a conscientização do patrimônio cultural, valorização das artes, realizações científicas e inovações;
- 6) promover o acesso a expressões culturais de todas as artes;
- 7) fomentar o diálogo intercultural e favorecer a diversidade cultural;
- 8) apoiar a tradição oral;
- 9) garantir o acesso dos cidadãos a todo tipo de informação comunitária;
- 10) fornecer serviços de informação adequados a empresas locais, associações e grupos de interesse;
- 11) facilitar o desenvolvimento de competências de informação e de ferramentas de computação;
- 12) apoiar e participar de atividades e programas de alfabetização para todas as faixas etárias e iniciar tais atividades, se necessário. (IFLA; UNESCO, 1994, p. 1, tradução nossa).

Baseia-se na igualdade de acesso a todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, idioma ou *status* social. Deve oferecer todos os gêneros de obras que sejam do interesse da comunidade a que pertence, bem como literatura em geral, além de informações básicas sobre a organização do governo, serviços públicos em geral e publicações oficiais. Deve constituir-se em um “ambiente realmente público, de convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar ideias, discutir problemas, auto instruir-se e participar de atividades culturais e de lazer” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 18).

A biblioteca pública tem, no século XXI, papel fundamental para a participação social, articulação cidadã, além de se configurar como um equipamento cultural essencial na vida cultural dos municípios brasileiros (SOUZA *et al.*, 2017, p. 1860).

4 Inovações em bibliotecas

Propostas inovadoras de bibliotecas têm surgido nos últimos anos. As bibliotecas como facilitadoras da criação de conhecimento e, em prol de usuários e de sua comunidade, devem: a) fornecer acesso; b) ofertar capacitação; c) proporcionar um ambiente seguro e; d) despertar motivação para aprender (LANKES, 2016, p. 69).

O autor esclarece que esses fatores devem ser ligados de modo apropriado:

É preciso ter acesso ao conhecimento. Depois de ter o acesso, é necessário compreender como usá-lo. Quando se sabe como usá-lo, deve se sentir seguro ao usá-lo. Por último, mesmo tendo acesso e conhecimento, e sentindo-se seguro, é preciso querer usar o conhecimento. (LANKES, 2016, p. 69).

No entanto, as bibliotecas enfatizam mais o acesso e o consumo de conhecimento, ao invés da criação dele. Dessa forma, Lankes (2016, p. 69-70) analisa que, para as bibliotecas permanecerem ativas em suas comunidades, é preciso que se atente para a visão dinâmica de conhecimento e aprendizagem, onde afirma que:

A visão de conhecimento como algo dinâmico e construído é importante quando falamos a respeito de esperar mais das bibliotecas. [...] se você vê o conhecimento como algo contido em livros (e bases de dados e artigos), você facilita a criação de novo conhecimento acumulando livros e facilitando o acesso a eles. Agora, se você vê conhecimento como algo mais dinâmico, e essencialmente construído pelo indivíduo e pela comunidade, então é necessário mudar radicalmente o que uma biblioteca faz – você precisa ver a biblioteca como um espaço ativo de aprendizagem. (LANKES, 2016, p. 71).

Na Espanha, o *Grupo Estratégico para el estudio de prospectiva sobre La biblioteca en el nuevo entorno informacional y social* do Consejo de Cooperación Bibliotecaria elaborou um relatório (ESPAÑA, 2013 *apud* ARTIGAS, 2017, p. 97) que identifica dez tendências que mais impactarão os cenários das bibliotecas a médio prazo. Das mencionadas no relatório destacam-se:

- (a) a cooperação vai aumentar: maior cooperação e colaboração expandirão o papel da biblioteca dentro e fora da instituição;
- (b) as bibliotecas devem reforçar seu papel na criação de comunidades, dotando-as de coesão social, além de garantir a igualdade de oportunidades para os cidadãos no acesso à informação;
- (c) a biblioteca será criada como espaço social de desenvolvimento de conhecimento;
- (d) os espaços de bibliotecas ainda permanecerão como tal, mas serão flexíveis, acolhedores e sociáveis;
- (e) a educação, a aprendizagem e as habilidades serão a chave da missão das bibliotecas;
- (f) os serviços adaptar-se-ão a uma realidade digital;
- (g) estratégias inovadoras serão desenvolvidas para gerenciar fontes e coleções híbridas.

Sob esta perspectiva, Santa Anna (2016, p. 242) defende que:

A biblioteca deve ser redefinida como um espaço de troca, de aquisição de conhecimentos, que favoreçam a interação e a permanência, reafirmando a biblioteca um local de pesquisa e estudo, mas agregando a condição de espaço de lazer, diversão e atualização. (SANTA ANNA, 2016, p. 242).

Também é importante considerar que “os espaços da biblioteca contemporânea devem ser customizados, de modo a atender diferentes públicos da melhor maneira possível. Além disso, propiciar espaços de interação entre o usuário e a informação” (VALENTIM, 2017, p. 39).

Assim, serão apresentados, a seguir, os novos espaços que têm se configurado em bibliotecas, no sentido de estimular a aprendizagem compartilhada, a interação e a colaboratividade entre os seus usuários. Entre estas tendências estão os *Makerspaces*, os *Learning commons* e os espaços de *coworking*:

4.1 Makerspaces

Os *Makerspaces* são espaços habilitados para funcionar como incubadoras de ideias, nas mais diversas áreas, que favorecem a criatividade, a experimentação e o empreendedorismo. São locais onde o espírito de comunidade e a colaboração são estimulados (MARCIAL, 2017, p. 52).

Também são vistos como “um espaço onde as ideias se tornam realidade sustentadas pelo conhecimento e incentivo colocados em comum entre os membros de uma comunidade, com base na ideia de economia social ou colaborativa [...]”³(ALONSO-ARÉVALO; VÁZQUEZ VÁZQUEZ, 2018, p. 51, tradução nossa).

3
“Makerspace es un espacio donde las ideas se hacen realidad apoyadas por el conocimiento y el estímulo puestos en común entre los miembros de una comunidad, sustentados en la idea de la economía social o colaborativa [...]”

O *makerspace* constitui-se como um espaço que disponibiliza tecnologias e ferramentas para criar projetos individuais ou coletivos.

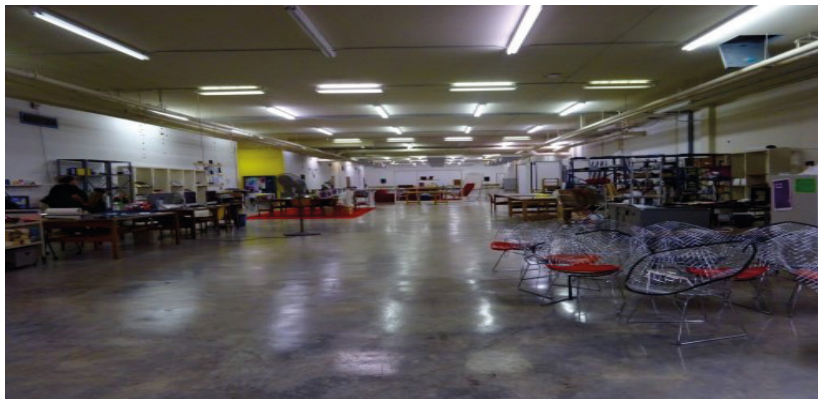
Como exemplo de um *makerspace* tem-se a Biblioteca Pública de Chattanooga, nos Estados Unidos da América (EUA). Essa biblioteca esvaziou todo o seu quarto andar (1300 m² de área) e abriu um espaço colaborativo para a comunidade.

Figura 1 – *Makerspace* da Biblioteca de Chattanooga, EUA



Fonte: Chattanooga Publica Library.

Criou uma oficina pública com tecnologia, em que os membros da comunidade também podem trabalhar em projetos ou iniciar um negócio. A biblioteca disponibiliza impressoras 3D e cortadores de vinil.

Figura 2 – Makerspace da Biblioteca de Chattanooga, EUA

Fonte: Chattanooga Public Library.

No Brasil, os *makerspaces* têm sido difundidos no âmbito das bibliotecas escolares. Em relação às bibliotecas públicas há iniciativas como na Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL) que realizam *oficinas maker* que ensinam diferentes atividades, como por exemplo: produção de livros, robótica, manutenção residencial com foco em diferentes perfis de usuários.

A BVL (Figura 3) foi inaugurada em 2015 e ocupa uma área de 4.000 m² dentro do Parque Villa Lobos, na zona oeste de São Paulo (SP).

Figura 3 – Biblioteca Parque Villa Lobos

Fonte: Biblioteca Parque Villa Lobos.

A Biblioteca Parque Villa Lobos dispõe também de um ambiente inclusivo e

acessível (Figura 4), com diversos aparelhos de tecnologia assistiva, como: folheador de páginas, mesa ergonômica, leitora autônoma, reproduutor de áudio, régua *raile*, teclado e *mouse* adaptados, computadores com leitor de tela, mouse e teclado adaptados.

Figura 4 – Biblioteca Parque Villa Lobos



Fonte: Biblioteca Parque Villa Lobos.

Conta com salas de criatividade; sala de jogos eletrônicos; ludoteca⁴; espaço para os usuários lerem com tranquilidade; computadores com acesso à internet; deck, com vista para o parque.

⁴

Brinquedoteca; setor da biblioteca pública ou escolar destinado a atividades com brinquedos ou brincadeiras (CUNHA, 2008, p. 58).

A Biblioteca Parque Villa-Lobos já foi indicada como uma das melhores do mundo por seu ambiente iluminado, amplo e democrático do espaço. Também foi classificada como uma biblioteca ativa, cuja própria arquitetura favorece a experiência do leitor, além de estimular e facilitar a realização de atividades de múltiplas naturezas.

4.2 Learning Commons

No que se refere aos *learning commons*, são os espaços propícios à aprendizagem colaborativa. É o “lugar onde os alunos podem aprender, falar, estudar e usar equipamentos” (EDUCASE, 2011, p. 2). Estes consistem um espaço de reunião e

encontro, para discutir projetos e realizar reuniões. São criados como alternativa às salas de aula, ambientes de aprendizagem informais (MARCIAL, 2017, p. 52).

De acordo com o Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores de Monterrey (Itesm), os *Learning Commons* podem ser definidos a partir de diferentes dimensões:

- é uma biblioteca do século 21 que visa o aprendizado;
- é um ambiente para aprender, trabalhar de forma colaborativa e explorar totalmente as informações em mídia digital usando tecnologias da informação;
- um espaço onde os usuários encontram informações, ferramentas tecnológicas para aprendizagem e consultoria especializada, tudo em um só lugar.

No âmbito das bibliotecas públicas brasileiras, a Biblioteca de São Paulo (BSP) (Figura 3), construída no antigo Complexo Penitenciário do Carandiru, é vista como um *learning commons*.

Figura 5 – Biblioteca de São Paulo



Fonte: Biblioteca de São Paulo.

A BSP foi inaugurada em 2010 e está situada na zona norte da capital de São Paulo. Foi concebida para ser um espaço arrojado e oferecer conforto, autonomia e atenção aos usuários, vistos como elementos centrais da biblioteca.

Ocupa uma área de 4.257 metros quadrados para atender a diferentes perfis de usuários. Conta com recursos tecnológicos e disponibiliza microcomputadores,

rede wireless e terminal de autoatendimento. Foi inspirada na Biblioteca de Santiago, no Chile, e foi indicada, em 2018, como uma das melhores do mundo.

Nos *learning commons*, “o papel da biblioteca é apoiar e facilitar o aprendizado e auxiliar os alunos na criação de conhecimento” (SEAL, 2012, p. 7). Torna a biblioteca mais ativa, colaborativa, criativa e inovadora, o que difere dos modelos tradicionais que enfatizam o consumo de conhecimento.

4.3 Espaço de Coworking

Um espaço de *coworking* é “um local para realizar o trabalho - especificamente, trabalho de conhecimento ou serviço que se origina fora do local em outras atividades cruzadas” (SPINUZZI, 2012, p. 409).

Espaços de *coworking* são vistos ainda como:

Ambientes que possibilitam o desenvolvimento de negócios, da colaboração da geração de networking, da expressão individual, coletiva, organizacional e da interação, tendo como base os valores do compartilhamento, da flexibilidade, da abertura para novas oportunidades, de um modelo mental propício para a economia criativa, colaborativas e para a inovação, sendo muito mais que um espaços físico gerador de facilidades estruturais para o desenvolvimento de negócios. (CAMPOS et al., 2015, p. 19).

Esses espaços têm como objetivo o compartilhamento de estrutura física, mobiliário, custos de locação, de um endereço comercial, o que permite um ambiente propício à troca de experiências, o compartilhamento de conhecimentos, a participação de eventos e a programas de capacitação.

Como exemplo de espaço de *coworking* em biblioteca, tem-se a Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL), em São Paulo (SP). Em 2018, a BVL inaugurou no segundo piso da biblioteca um espaço de coworking (Figura 4), o qual corresponde a uma sala de trabalho compartilhada com infraestrutura e rede *wi-fi* para uso de micro e pequenas empresas, *startups* ou pessoas com projetos ou empreendimentos em desenvolvimento.

Os projetos selecionados, por meio de edital, podem utilizar a sala gratuitamente por dez meses. Em contrapartida, é necessário oferecer *workshops* ou

seminários na temática da especialidade do projeto em prol do público em geral.

Figura 6 – Biblioteca Parque Villa-Lobos – Espaço Coworking



Fonte: ACESSA SP.

5 Considerações finais

Diante dessa reflexão, acredita-se ser importante que as bibliotecas do século XXI, sejam elas universitárias, públicas, escolares etc., estejam voltadas para as pessoas e para a comunidade a que servem, tendo serviços, produtos de informação e infraestrutura desenvolvidos para eles.

Como foi visto, já acontece uma movimentação no âmbito das bibliotecas públicas para a criação de ambientes estimulantes e atrativos, o que serve para ressignificar a biblioteca para a sociedade, de forma que cumpra a sua missão no que se refere às atividades de informação, alfabetização, educação e cultura.

Tendo em vista que a educação está em transformação, proporciona formas dinâmicas e interativas de ensinar e de aprender, acredita-se que é importante para a biblioteca se alinhar a esse movimento para que contribua com o processo de ensino-aprendizagem em ambientes formais e não formais de educação e para que fortaleça o seu papel na sociedade.

A valorização da biblioteca permite que ela seja vista ainda como centro de socialização e de convivência, o que possibilita a interação e a colaboração entre os seus usuários. Por isso, inovações nesses espaços as tornam mais acolhedoras, inclusivas e atrativas para a comunidade que servem.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências:

ACESSASP. São Paulo inova com espaços para trabalho colaborativo. **AcessaSP**, 30 dez. 2018. Disponível em: <http://www.acesasp.sp.gov.br/tag/acesasp/>. Acesso em: 07 dez. 2019.

ALONSO-ARÉVALO, J.; VÁZQUEZ VÁZQUEZ, M. Makerspaces: los espacios de fabricantes en bibliotecas. **Desiderata Lab**, p. 50-57, 2018. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/33521/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

ARÉVALO, J. A.; GARCÍA, J. A. C. ¿Para qué servirá la Biblioteca Pública en el futuro? depende de su capacidad de adaptación a los imparables cambios sociales, económicos y tecnológicos. **Mi biblioteca**, Málaga, v. 11, n. 40, p. 1-19, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10366/125206>. Acesso em: 07 dez. 2019.

ARTIGAS, C. M. T. Bibliotecas de centros de pesquisa no século XXI: desafios e perspectivas. In: RIBEIRO, A. C.; FERREIRA, P. C. (org.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2017. p. 95-113.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BANNELL, R. I. *et al.* **Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BIBLIOTECA PARQUE VILLA-LOBOS. Disponível em: <https://bvl.org.br/>. Acesso em: 07 dez. 2019.

BIBLIOTECA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://bsp.org.br>. Acesso em: 07 dez. 2019.

CAMPOS, J. G. C.; TEIXEIRA, C. S.; SCHMITZ, A. Coworking spaces: conceitos, tipologias e características. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONHECIMENTO E INOVAÇÃO, 5., 2015, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: [s. n.], 2015.

CHATTANOOGA PUBLIC LIBRARY. Disponível em: <https://chattlibrary>.

org/. Acesso em: 07 dez. 2019.

CRUZ, A. C.; MENDES, M. T. R.; WEITZEL, S. R. **A biblioteca: o técnico e suas tarefas**. 2. ed. Niterói: Intertexto, 2004.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

EDUCAUSE. 7 Things you should know about the modern learning commons. **Library Faculty and Staff Publications**, 2011. Disponível em: https://uknowledge.uky.edu/libraries_facpub/262. Acesso em: 18 abr. 2018.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Coordenadoria do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

GHANEM, E. Educação formal e não formal: do sistema escolar ao sistema educacional. *In*: TRILLA, J.; GHANEM, E.; ARANTES, V. A. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008. p. 59-89.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento e projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS - IFLA. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO. **Public Library Manifesto 1994**. [Washington, DC]: IFLA: UNESCO, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/iflaunesco-public-library-manifesto-1994>. Acesso em: 18 abr. 2018.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. A arquitetura escolar e seu papel no aprendizado. [Entrevista cedida a] Isabela Palhares. **Jornal O Estado de São Paulo**, 25 fev. 2018. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,a-arquitetura-escolar-e-seu-papel-no-aprendizado,70002202508>. Acesso em: 10 maio 2019.

LANKES, R. D. **Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo**. São Paulo: FEBAB, 2016.

MARCIAL, V. F. Inovação em bibliotecas. *In*: RIBEIRO, A. C.; FERREIRA, P. C. (org.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2017. p. 43-59.

MORIN, J. Educação inovadora presencial e a distância. *In*: SILVA, M. (org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

MORIN, J. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In*: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

MORIN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. *In*: YAEGASHI, S. *et al.* (org.). **Novas tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf. Acesso em: 20 mar. 2018.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIBEIRO, A. C.; FERREIRA, P. C. (org.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2017. ROMANS, M. Formação continuada dos profissionais em educação social. *In*: ROMANS, M.; PETRUS, A.; TRILLA, J. **Profissão: educador social**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SANTA ANNA, J. A redefinição da biblioteca no século XXI: de ambientes informacionais a espaços de

convivência. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 232-246, 2016. DOI <https://doi.org/10.20396/rdbci.v14i2.8641701>.

SANTOS, G. S. Espaços de aprendizagem. *In*: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

SEAL, R. A. Information commons: the future is now. *In*: CHANGE AND CHALLENGE: REDEFINE THE FUTURE OF ACADEMIC LIBRARIES, 2012, Beijing, China. **Proceedings** [...]. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: http://ecommons.luc.edu/lib_facpubs/22. Acesso em: 14 jun. 2019.

SOUZA, A. B. *et al.* Biblioteconomia social: parceria entre a Biblioteca Pública e o Grupo de Escoteiros Chico Science (PE). **RBBB: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1850-1862, dez. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/903/912>. Acesso em: 22 out. 2018.

SPINUZZI, C. Working alone together: coworking as emergent collaborative activity. **Journal of Business and Technical Communication**, v. 26, n. 4, p. 399-441, Oct. 2012. DOI <https://doi.org/10.1177/1050651912444070>.

TRILLA, J.; GHANEM, E. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

VALENTIM, M. L. P. O perfil das bibliotecas contemporâneas. *In*: RIBEIRO, A. C.; FERREIRA, P. C. (org.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2017, p. 19-42.